



VOL. II - N° 2 Abril/Junio 2016

ISSN 0719 - 5729

CUERPO DIRECTIVO

Director

Juan Luis Carter Beltrán

Universidad de Los Lagos, Chile

Editor

Juan Guillermo Estay Sepúlveda

Universidad de Los Lagos, Chile

Secretario Ejecutivo y Enlace Investigativo

Héctor Garate Wamparo

Universidad de Los Lagos, Chile

Cuerpo Asistente

Traductora: Inglés – Francés

Pauline Corthorn Escudero

Asesorías 221 B, Chile

Traductora: Portugués

Elaine Cristina Pereira Menegón

Asesorías 221 B, Chile

Diagramación / Documentación

Carolina Cabezas Cáceres

Asesorías 221 B, Chile

Portada

Felipe Maximiliano Estay Guerrero

Asesorías 221 B, Chile

COMITÉ EDITORIAL

Mg. Adriana Angarita Fonseca

Universidad de Santander, Colombia

Lic. Marcelo Bittencourt Jardim

CENSUPEG y CMRPD, Brasil

Mg. Yamileth Chacón Araya

Universidad de Costa Rica, Costa Rica

Dr. Óscar Chiva Bartoll

Universidad Jaume I de Castellón, España

Dr. Miguel Ángel Delgado Noguera

Universidad de Granada, España

Dr. Jesús Gil Gómez

Universidad Jaume I de Castellón, España

Ph. D. José Moncada Jiménez

Universidad de Costa Rica, Costa Rica

Mg. Aysel Rivera Villafuerte

Secretaría de Educación Pública SEP, México

Mg. Jorge Saravi

Universidad Nacional La Plata, Argentina

Comité Científico Internacional

Ph. D. Víctor Arufe Giraldez

Universidad de La Coruña, España

Ph. D. Juan Ramón Barbany Cairo

Universidad de Barcelona, España

Ph. D. Daniel Berdejo-Del-Fresno

England Futsal National Team, Reino Unido

The International Futsal Academy, Reino Unido

Dr. Antonio Bettine de Almeida

Universidad de Sao Paulo, Brasil

Dr. Oswaldo Ceballos Gurrola
Universidad Autónoma de Nuevo León, México

Ph. D. Paulo Coêlho
Universidad de Coimbra, Portugal

Dr. Paul De Knop
Rector Vrije Universiteit Brussel, Bélgica

Dr. Eric de Léséleuc
INS HEA, Francia

Mg. Pablo Del Val Martín
*Pontificia Universidad Católica del Ecuador,
Ecuador*

Dr. Christopher Gaffney
Universität Zürich, Suiza

Dr. Marcos García Neira
Universidad de Sao Paulo, Brasil

Dr. Misael González Rodríguez
Universidad de Ciencias Informáticas, Cuba

Dra. Carmen González y González de Mesa
Universidad de Oviedo, España

Dr. Rogério de Melo Grillo
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Dra. Ana Rosa Jaqueira
Universidad de Coimbra, Portugal

Mg. Nelson Kautzner Marques Junior
Universidad de Rio de Janeiro, Brasil

Ph. D. Marjeta Kovač
University of Ljubljana, Slovenia

Dr. Amador Lara Sánchez
Universidad de Jaén, España

Dr. Ramón Llopis-Goic
Universidad de Valencia, España

Dr. Osvaldo Javier Martín Agüero
Universidad de Camagüey, Cuba

Mg. Leonardo Panucia Villafañe
Universidad de Oriente, Cuba
Editor Revista Arranca

Ph. D. Sakis Pappous
Universidad de Kent, Reino Unido

Dr. Nicola Porro
*Universidad de Cassino e del Lazio
Meridionale, Italia*

Ph. D. Prof. Emeritus Darwin M. Semotiuk
Western University Canada, Canadá

Dr. Juan Torres Guerrero
Universidad de Nueva Granada, España

Dra. Verónica Tutte
Universidad Católica del Uruguay, Uruguay

Dr. Carlos Velázquez Callado
Universidad de Valladolid, España

Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio
Universidad Católica de Brasilia, Brasil
*Editora da Revista Brasileira de Ciência e
Movimento – RBCM*

Dra. María Luisa Zagalaz Sánchez
Universidad de Jaén, España

Dr. Rolando Zamora Castro
Universidad de Oriente, Cuba
Director Revista Arranca

Asesoría Ciencia Aplicada y Tecnológica:
CEPU – ICAT
Centro de Estudios y Perfeccionamiento
Universitario en Investigación
de Ciencia Aplicada y Tecnológica
Santiago – Chile

Indización

Revista ODEP, indizada en:



EL PANORAMA DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DEL DEPORTE EN BRASIL

O PANORAMA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE NO BRASIL

Dr. Marcelo Moraes e Silva

Universidades Federal do Paraná, Brasil
moraes_marc@yahoo.com.br

Dr. Fernando Marinho Mezzadri

Universidades Federal do Paraná, Brasil

Dra. Katiúscia Mello Figueroa

Universidades Federal do Paraná, Brasil

Dr. Fernando Augusto Starepravo

Universidades Federal do Paraná, Brasil

Fecha de Recepción: 06 de febrero de 2016 – **Fecha de Aceptación:** 26 de marzo de 2016

Resumo

O presente ensaio tem o objetivo fazer uma revisão das políticas públicas para o esporte no Brasil. Sua metodologia de pesquisa foi de revisão, realizando uma releitura crítica de importantes obras brasileiras que se dedicam ao assunto. A título de uma conclusão o texto aponta que o campo esportivo no Brasil deixou para trás o modelo de organização centrado somente na figura estatal. Contudo, visualizou que apesar da maior autonomia das entidades esportivas o financiamento público e o que acaba por manter a estrutura esportiva no país, mostrando que ainda o setor público é o que sustenta financeiramente o esporte nacional.

Palavras-Chaves

Esportes – Políticas Públicas de Esporte – Organização esportiva

Resumen

El presente ensayo tiene el objetivo de hacer una revisión de las políticas públicas para el deporte en Brasil. La metodología utilizada fue de revisión, realizando una lectura crítica de importantes obras brasileñas que se dedican al tema. Como conclusión, el texto apunta que el campo deportivo en Brasil ya no sigue el modelo de organización centrado únicamente en la figura del estado. Sin embargo, se visualizó que a pesar de una mayor autonomía de las entidades deportivas, la financiación pública es lo que acaba por mantener la estructura deportiva en el país, mostrando que el sector público aún es lo que sostiene financieramente el deporte nacional.

Palavras-Chaves

Deportes – Políticas públicas de deporte – Organización deportiva

Apontamentos Iniciais

A temática das políticas públicas para o esporte nunca esteve tão em voga no Brasil. Afinal a conquista do país ao direito de organizar os megaeventos esportivos como as Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016 chamaram a atenção da sociedade brasileira¹. Indivíduos, grupos sociais e instituições passaram a atentar para a temática das políticas públicas para o esporte após a escolha do país para sediar eventos de tamanha magnitude. Tal fato acabou tendo grande repercussão simbólica, pois conforme aponta Starepravo², o assunto passou a ser discutido nos mais diversos círculos sociais, desde a mídia, passando pelo campo acadêmico até chegar aos locais menos formais da vida cotidiana.

A pertinência destas questões acabou por desvelar pontos positivos e/ou negativos. Se por um lado as políticas públicas para o esporte passaram a fazer parte da agenda de debate da sociedade como um todo, por outro tais questões podem ficar marcadas por “achismos ideológicos”. Reflexões marcadas por falta de rigorosidade, ficando mais num plano do contra ou a favor de determinada ação política³.

Estes pontos também se repercutem na incipiente produção científica sobre a temática no Brasil. Em território brasileiro a mesma ainda é recente e pouco consistente, como apontado por Starepravo⁴. No restante da América do Sul, segundo aponta Levoratti⁵, o quadro não é muito diferente do contexto brasileiro, existindo somente alguns poucos estudos sobre políticas públicas de esporte. Destaque na Argentina para os estudos de Levoratti⁶, Di Domizio⁷ e Di Domizio y Saraví⁸; no Chile os estudos de Bravo y Silva⁹ e Vilches y Pacheco¹⁰; na Colômbia os trabalhos de Ríncon Martínez¹¹,

¹ P. F. A. Athayde; F. Mascarenhas; W. B. Matias y N. N. Miranda, O agendamento dos Jogos Rio 2016: Temas e termos para debate. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16 (2013); F. Mascarenhas; P. F. A. Athayde; M. R. Santos y N. N. Miranda, O bloco olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da Agenda Rio 2016. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, Curitiba, v. 2 y K. M. Figuerôa; P. Sevegnani; F. M. Mezzadri y M. Moraes e Silva, Planejamento, ações e financiamento para o esporte em tempo de megaeventos. *Motrivivência*, Florianópolis, v.26, junho/2014.

² F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos políticos/burocráticos e científico/acadêmico. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

³ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁴ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁵ A. Levoratti, Educación física, deporte y recreación en las políticas públicas. Un análisis de su inscripción en la agenda de temas de revistas científicas de Argentina, Brasil y Colombia (2004-2014). *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, n.21/1 (2015).

⁶ A. Levoratti, La Educación Física en políticas socio-educativas destinadas a los jóvenes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 32, n.1 (2010).

⁷ D. P. Di Domizio, Políticas públicas, prácticas corporales y representaciones sociales sobre la vejez: Un estudio de casos (Doctoral dissertation en Educación, Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación) La Plata, 2011.

⁸ D. P. Di Domizio y J. R. Saraví, Prácticas deportivas con adultos mayores en la ciudad de La Plata (Argentina): Una revisión crítica respecto de la implementación local del Programa Nacional HADOB. *Revista de Ciencias Sociales*, Iquique, n. 31(2) (2013).

⁹ G. Bravo y J. Silva, Sport policy in Chile. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Loughborough, 6(1) (2014).

¹⁰ P. S. Vilches e I. G. Pacheco, Cultura deportiva en Chile: desarrollo histórico, institucionalidad actual e implicancias para la política pública. *Polis*, Santiago, 13(39) (2014).

Acosta Sierra¹², Loiza Airas¹³ e Gallo y Bolívar¹⁴; no Paraguai as análises de Perez¹⁵; as reflexões de Bossio¹⁶ e Cannock¹⁷ no Peru; no Uruguai o trabalho de Steffano; bem como os estudos de Altuve¹⁸ e D'Amico¹⁹ na Venezuela. Muito diferente de países mais desenvolvidos aonde existe uma produção acadêmica mais sólida que versa sobre os sistemas de esporte e as políticas de diferentes nações²⁰.

Diante do quadro ligeiramente evocado, e no sentido de contribuir com a produção científica o presente ensaio tem o objetivo de traçar o panorama geral das políticas públicas para o esporte no Brasil. Como se trata de um texto na modalidade de ensaio sua metodologia de pesquisa foi de revisão, realizando uma releitura crítica de importantes obras brasileiras que se dedicam ao assunto. Para tanto, o artigo apresentará a formação deste campo desde a estruturação das primeiras leis surgidas na década de

¹¹ D. P. Rincón Martínez, Política pública orientada al deporte colombiano (Ensayo para optar al título de Especialista en Finanzas y Administración Pública, Universidad Militar Nueva Granada, Facultad de Ciencias Económicas). Bogotá, 2011.

¹² C. C. Acosta Sierra, Una mirada politológica desde los estudios socioculturales del deporte a la política pública del deporte en Bogotá 2009-2019 (Trabajo de grado para optar por el título de Politólogo., Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales). Bogotá, 2013.

¹³ J. P. Loaiza Arias, Análisis de la implementación de políticas públicas en el deporte en el Valle del Cauca a partir de la Constitución de 1991 al 2011. (Trabajo de grado Licenciatura en Educación Física y Deporte, Instituto de Educación y Pedagogía, Universidad del Valle). Santiago de Cali, Valle, 2013.

¹⁴ L. E. Gallo y Z. Bolívar, Educación diferencial en las políticas públicas del deporte, la recreación y la actividad física en Colombia. *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, v.21/1 (2105).

¹⁵ G. L. A. Pérez, La promoción del deporte en el orden constitucional paraguayo. *Anuário Ibero-Americano de Derecho Deportivo*. Universidad Inca Garcilaso de la Veja, Arequipa, año 2 (2014)

¹⁶ M. A. R. Bossio, Política deportiva: factores reales del sistema deportivo. *Liberabit*, Lima, v.12(12) (2006)

¹⁷ Francisco León Cannock, Promoviendo la Identidad nacional a través del deporte en el Sistema Educativo Peruano en el contexto de la globalización. *Educación Física y Deporte*, Medellín, v. 31, n. 1 (2012).

¹⁸ E. M. Altuve, Deporte, socialismo y revolución bolivariana: propuesta de Reforma Constitucional y Ley de Actividad Lúdica, *Educación Física, Deporte y Recreación*. Cuadernos Latinoamericanos, Maracaibo, año 18, n.32 (2007).

¹⁹ R. L. D'Amico, Policy in Venezuela. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Loughborough, 4(1) (2012).

²⁰ D. W. Steffano, Relación entre deporte y políticas: el caso uruguayo. *Efdeportes/Revista Digital*, Buenos Aires, año 5, n. 26 (2000); L. Chalip, Policy analysis in sport management. *Journal of Sport Management*, 9 (1995); J. Riordan, *Sport, politics and communism* (Manchester, UK: Manchester University Press, 1991); B. Oakley y M. Green, Elite sport development systems and playing to win: Uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, 20(4) (2011); H. Digel, *Sport Sociology: A comparison of competitive sport systems*. *New studies in athletics*, 17(1) (2002); M. E. Green y B. Houlihan, *Elite sport development. Policy learning and political priorities* (London: Routledge, 2005); B. Stewart, *Sport funding and finance* (Routledge: Elsevier, 2007); M. E. Green y S. Collins, *Policy, politics and path dependency: Sport development in Australia and Finland*. *Sport Management Review*, 11, (2008); J. Grix, *The impact of UK sport policy on the governance of athletics*. *International Journal of Sport Policy*, Loughborough, v. 1, n. 1 (2009); V. De Bosscher; S. Shibli; M. Van Bottenburg; De Knop y J. Truyens, *Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: A mixed research methods approach*. *Journal of sport Management*, 24(5) (2010) y J. Grix y F. Carmichael, *Why do governments invest in elite sport? A polemic*. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Loughborough, v. 4, n. 1 (2012).

1940 até o estágio atual do esporte brasileiro. Para compreender melhor as questões centrais do esporte brasileiro dividiu-se este longo período em três estágios: 1) o primeiro abrangerá o período que vai da década de 1940 a 1980, desde quando o governo brasileiro iniciou suas inserções no campo esportivo do país até o término do regime militar; 2) O segundo estágio ocorre com o início da abertura democrática da década de 1980 passando pela constituição brasileira de 1988 e por duas Leis específicas do esporte, Lei-Federal n. 8.672/1993 (conhecida como “Lei Zico”) e Lei Federal n. 9.615/1998 (chamada de “Lei Pelé”); 3) Por fim, delimita-se o terceiro momento com a criação do Ministério do Esporte em 2003, as Conferências Nacionais de Esporte, a definição da Política Nacional de Esporte, a conquista do país ao direito de organizar os megaeventos esportivos e a implementação dos diversos programas e ações por parte do governo brasileiro.

1.- Do Governo Getúlio Vargas à Constituição de Federal de 1988

A preocupação do governo federal com o esporte de forma mais institucionalizada ocorreu pela primeira vez somente no governo Getúlio Vargas, no período denominado Estado Novo (1937-1945)²¹, através do Decreto-lei 3.199 de 1941²². Se antes da década de 1930, o Estado brasileiro não participava diretamente das questões do campo esportivo – salvo raras exceções, como a modalidade de Tiro, conforme mostraram Moraes e Silva²³ e Moraes e Silva y Capraro²⁴ –, foi somente a partir do primeiro governo Getúlio Vargas que tais pontos passaram a fazer parte de uma política estatal mais ampla.²⁵

²¹ O período do Estado Novo é o nome do regime político instaurado por Getúlio Vargas em 1937, que durou até 1945, que foi caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e pelo autoritarismo. O Estado Novo fez parte do primeiro governo Vargas, período histórico compreendido entre 1930-1945 temporalidade que o mesmo foi o chefe supremo do Estado brasileiro em B. Fausto, *O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940)* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001); L. C. Bresser-Pereira, *A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a Independência* (São Paulo: Editora 34, 2014) y M. C. D’arújo, *O Estado Novo* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000).

²² Brasil, Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização do desporto em todo o País.

²³ M. Moraes e Silva, *Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

²⁴ M. Moraes e Silva y A. M. Capraro, *O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910)*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 29, n. 2 (2015).

²⁵ E. D. Manhães, *Políticas de esportes no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1986); M. A. Linhales, *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1996; F. M. Mezzadri, *A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, 2000; E. S. Pimentel, *O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira: de 1941 até 1998*. (Dissertação Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007; F. A. Starepravo, *Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...*; A. Mendes y A. Codato, *The institutional configuration of sport policy in Brazil: organization, evolution and dilemmas*. Revista Administração Pública, Rio de Janeiro 49(3): maio/jun (2015).

Segundo apontam Mezzadri²⁶, Pimentel²⁷ e Moraes e Silva *et. al.*²⁸, tais questões se materializam no decreto de 1941, primeira legislação a pensar uma base organizacional para o esporte no Brasil. Tal ordenamento veio sistematizar, disciplinar e organizar um pouco mais o embrionário campo esportivo brasileiro, tentando unificá-lo e, assim, diminuir a disputa e os conflitos existentes entre os diversos clubes, ligas, federações, sobre o controle do campo esportivo no território nacional, bem como diminuir o monopólio que os indivíduos de origem imigrante europeia tinham em relação à prática esportiva no país desde o final do século XIX.²⁹ Pode-se perceber que nesse contexto a regulamentação esportiva instaurada pelo governo federal buscava um modelo de gestão que visava sistematizar as práticas esportivas no território nacional, tendo a figura do Conselho Nacional de Desportos (CND) e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) como elemento central.³⁰

Segundo Mezzadri³¹ a regulamentação do processo de desenvolvimento do Estado brasileiro, em geral, e do esporte em particular, passa pela forma como o então governo Getúlio Vargas vinha administrando o país. Conforme apontam Fausto³², Faoro³³ e Bresser-Pereira³⁴, a transferência do modelo liberal de administração, constituído até o final da década de 1920, para o modelo centralizador do Estado Novo interferiu diretamente na vida cotidiana dos indivíduos. Fausto³⁵, salienta que o Estado tornou-se um agente ativo na organização da sociedade. Em muitos casos, os indivíduos eram tratados como meras extensões da nova organização burocrática estatal. Percebe-se com isso que se projetava a criação de uma identidade nacional, até então pulverizada pelo interior do país. Neste período histórico o Brasil não tinha uma identidade e nem um projeto de nação. Por estes motivos o Estado assumiu esta tarefa para si, ou seja, a de inventar a nação brasileira.

O governo naquele momento estava realizando um amplo processo de reforma que passava pela área da saúde, transitava na elaboração das primeiras leis trabalhistas e investia na expansão da educação básica. Em relação à institucionalização do esporte, aparentemente existiu uma característica administrativa comandada pelos burocratas e

²⁶ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

²⁷ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

²⁸ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal relacionada a la financiación del gobierno brasileño hacia el deporte de elite: un análisis a partir de la Teoría de los Juegos de Norbert Elias. *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, n. 21/1 (2015).

²⁹ M. A. Linhares, A trajetória política do esporte no Brasil...; M. Moraes e Silva y A. M. Capraro, O tiro de guerra 19 Rio Branco... y M. Moraes e Silva, Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar...

³⁰ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...; M. A. Linhares, A trajetória política do esporte no Brasil...; F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná... y L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado: As políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

³¹ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

³² B. Fausto, O pensamento nacionalista autoritário...

³³ R. Faoro, Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro (São Paulo: Globo, 2012).

³⁴ L. C. Bresser-Pereira, A construção política do Brasil...

³⁵ B. Fausto, O pensamento nacionalista autoritário...

pelos políticos, com uma participação restrita nas tomadas de decisões³⁶. Para Fausto³⁷ uma administração tradicional constitui-se de forma autoritária, ou seja, a administração aconteceu a partir da centralização do poder, governado pelos burocratas, que interpretam as necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da população brasileira à sua maneira e de acordo com seus interesses.

Inicialmente, supõe-se que a regulamentação estatal auxiliou na construção da identidade nacional, pois a bandeira do Estado Novo era a de consolidar a base nacionalista em todo o território brasileiro³⁸. Nesse caso, conforme aponta Mezzadri³⁹ o Estado tornou-se bastante presente na vida dos indivíduos e o esporte cumpriu seu papel no processo de fortalecimento da figura estatal e na construção de uma identidade nacionalista. Tendo como base o próprio marco regulatório, entende-se que os aspectos conceituais preestabelecidos, os valores morais ditados pelo governo e a posição autoritária, indicada pela nova forma de organização social, acabavam por delimitar um espaço para a criação da identidade nacional centralizadora. Tais pontos se evidenciariam na disciplina exigida para a esfera esportiva.⁴⁰ Esses pontos provocaram uma identificação por parte da sociedade de um civismo nacionalista. Nesse sentido, é possível argumentar, conforme apontam Pimentel⁴¹, Starepravo⁴² e Moraes e Silva *et. al.*⁴³, que nesse período a intervenção estatal não foi marcada por uma formulação de políticas públicas e sim por um processo de intervenção jurídica legislativa em relação à política administrativa do esporte brasileiro. De acordo com Linhales⁴⁴ e Mezzadri⁴⁵, tal período acabou por estabelecer uma relação de dependência tutelar entre o esporte e o Estado.

Com o fim do denominado Estado Novo, em 1945, o Brasil começou a vivenciar a sua primeira experiência democrática. Weffort⁴⁶ indica que esse período também foi denominada de "Democracia Populista"⁴⁷. Segundo o autor esse momento da

³⁶ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...; M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...; F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná... y L. F. C. Veronez, cuando o Estado joga a favor do privado...; F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil... y M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

³⁷ B. Fausto, O pensamento nacionalista autoritário...

³⁸ B. Fausto, O pensamento nacionalista autoritário...; R. Faoro, Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro...; L. C. Bresser-Pereira, A construção política do Brasil... y M. C. D'araújo, O Estado Novo...

³⁹ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

⁴⁰ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...; M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...; F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná... y L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

⁴¹ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

⁴² F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁴³ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

⁴⁴ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁴⁵ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

⁴⁶ F. Weffort, O populismo na política brasileira (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978).

⁴⁷ O período conhecido como "Democracia Populista", se inicia com o fim do Estado Novo em 1945, quando o Presidente Getúlio Vargas, foi forçado a renunciar ao cargo. Seu término ocorre em 1964, com a deposição do presidente civil João Goulart pelas forças militares, iniciando o que se convencionou chamar por "Ditadura Militar" (1964-1985). Os outros presidentes do período foram Eurico Gaspar Dutra (1946-1951); novamente Getúlio Vargas (1951-1954); Café Filho (1954-

história brasileira inaugura, mesmo que de forma incipiente, o processo de incorporação das classes populares na esfera política. Entretanto, essa dimensão populista, associada a estruturas de poder herdadas do Estado Novo acabaram por limitar a participação da popular na esfera política. Segundo Benevides⁴⁸ a experiência democrática acontecida entre 1945 e 1964 acabou por consolidar o processo de restrição da participação política inaugurado pelo Estado Novo.

Weffort⁴⁹ salienta que o populismo brasileiro foi um modo muito específico de controle da população na esfera política, entretanto, o autor lembra que o populismo também foi uma forma do povo expressar suas insatisfações. Segundo Benevides⁵⁰, era uma forma política na qual os grupos dominantes exerciam seu domínio, mas que era também uma forma em que tal domínio era ameaçado. Esse duplo sentido evidencia o caráter ambíguo e incerto que permeou o estado populista brasileiro. Afinal, conforme apontam Weffort⁵¹, Benevides⁵², Vigueira⁵³, Mackinnon y Petrone⁵⁴ e Galeano⁵⁵, em nome da população, muitos líderes políticos latino-americanos com diferentes perfis, "estilos" e/ou legendas partidárias, galgaram a cena política para se efetivarem no poder. Esses mesmos "caudilhos", assim como indica Galeano⁵⁶, perpetuaram práticas políticas baseadas em relações de controle, desigualdade e exclusão. A ambiguidade contida nesse estilo de relacionamento populista embasou a fragilidade do jogo político e da própria democracia.

Nesse sentido, não fica difícil de entender, assim como indicam os estudos de Manhães⁵⁷, Linhales⁵⁸, Veronez⁵⁹ e Moraes e Silva *et. al.*⁶⁰, que, após o Estado Novo não houve alterações significativas no campo esportivo brasileiro no período que vai de 1945-1964. O Estado brasileiro continuou sendo figura central e decisiva no controle do esporte. Afinal o estilo populista e caudilhistas continuavam a se basear no clientelismo e os recursos financeiros eram repassados do governo para as entidades esportivas em

1955); Juscelino Kubitschek (1956-1961); Jânio Quadros (1961); João Goulart (1961-1964). O chamado *populismo* latino-americano, em voga no continente naquele momento histórico, se apoiava na imagem carismática de determinado político, e em seus atos populares que na visão da população promovem uma vida melhor, acabando por "endeusar" o governante, mesmo que esses atos ou melhoras sejam de caráter momentâneo. En F. Weffort, O populismo na política brasileira ...; M. V. M. Benevides, A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro; A. Viguera, "Populismo" y "neopopulismo" en América Latina. Revista Mexicana de Sociología, Cidade do México, v.55, n.3 (1993) y M. M. Mackinnon y M. A. Petrone, Populismo y neopopulismo en América Latina: el problema de la Cenicienta (Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998).

⁴⁸ M. V. M. Benevides, A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965) (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981).

⁴⁹ F. Weffort, O populismo na política brasileira...

⁵⁰ M. V. M. Benevides, A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro...

⁵¹ F. Weffort, O populismo na política brasileira...

⁵² M. V. M. Benevides, A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro...

⁵³ A. Viguera, "Populismo" y "neopopulismo" en América Latina...

⁵⁴ M. M. Mackinnon y M. A. Petrone, Populismo y neopopulismo en América Latina...

⁵⁵ E. Galeano, As veias abertas da América Latina (Porto Alegre: L&PM, 2014).

⁵⁶ E. Galeano, As veias abertas da América Latina...

⁵⁷ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...

⁵⁸ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁵⁹ L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

⁶⁰ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

troca de favores e barganhas políticas. Starepravo⁶¹ e Moraes e Silva *et. al.*⁶², lembram que o saldo deste período democrático-populista foi à massificação esportiva, dentro de uma lógica populista e de moeda de troca, que tinha como base a estrutura esportiva estabelecida durante o Estado Novo. Contudo, essa maior inserção do esporte na cena social não proporcionou a consolidação do mesmo como direito social. Afinal, a estrutura esportiva, montada ainda no Estado Novo, não tratava o esporte como um interesse nacional e sim como meio de atender o interesse de determinados grupos sociais.

Tal homeostase somente seria quebrada no período compreendido como Ditadura Militar (1964-1985). Neste contexto, segundo aponta Skidmore⁶³ foi instaurado novamente no país um aparelho estatal burocratizado, só que agora marcado por uma forte tendência tecnocrática, que muitas vezes garantia o monopólio governamental através do uso da força física. Essa tecnocracia militarizada era marcada por um amplo processo de crescimento econômico, que era controlado firmemente pelas mãos do Estado. Segundo Gaspari⁶⁴ e Bresser-Pereira⁶⁵, este período também foi conhecido como “milagre econômico”, momento que houve um aumento significativo da concentração de renda e da pobreza e instaurou-se um pensamento ufanista de “Brasil potência”, que acabou se evidenciando também no campo esportivo, como por exemplo, na conquista da sua terceira Copa do Mundo de Futebol, em 1970 no México.

Linhales⁶⁶ lembra que esse estilo tecnocrático de administração também invadiu a esfera esportiva. A autora argumenta que esse período se diferencia dos anteriores principalmente pela emergência das diversas diretrizes, planos, projetos e ações do Estado, que vinham acompanhados de uma legislação altamente regulamentadora. Contudo, de acordo com Starepravo⁶⁷, os interesses clientelistas, criados no Estado Novo e mantidos no período da “Democracia Populista”, em vez de serem retirados pela tecnocracia militar foram na verdade aprimorados. Algumas das mudanças legais ocorridas se iniciaram ainda no final da década de 1960. Em 1969, foi instituído pela primeira vez no país, um financiamento através da Loteria Esportiva Federal (Decreto-Lei nº 594), que destinava 30% da receita líquida obtida para atividades esportivas.

Paralelamente a estas primeiras mudanças legislatórias, iniciou-se um projeto de grande destaque: “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil”⁶⁸. Pela primeira vez na história do esporte brasileiro se fez um amplo estudo sobre a realidade esportiva do país. Esta ação estatal foi compartilhada entre a Divisão de Educação Física (DEF), órgão vinculado ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), do Ministério do Planejamento, sua coordenação ficou a cargo do jovem professor Lamartine Pereira da Costa, que posteriormente se tornaria um dos mais renomados pesquisadores do campo esportivo do Brasil. O Diagnóstico chegou a inúmeras conclusões que foram fundamentais para o desenvolvimento do campo esportivo brasileiro, principalmente no apontamento das

⁶¹ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁶² M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

⁶³ T. E. Skidmore, Brasil: De Castelo a Tancredo, 1964-1985 (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988).

⁶⁴ E. Gaspari, A Ditadura Escancarada (São Paulo: Cia. da Letras, 2002).

⁶⁵ L. C. Bresser-Pereira, A construção política do Brasil...

⁶⁶ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁶⁷ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁶⁸ L. Da Costa, Diagnóstico de educação física e Desportos no Brasil (Brasília: CDRH-MP/DEF-MEC, 1971).

deficiências dos quesitos estruturais. Por este motivo, conforme apontou Tubino⁶⁹ e Santos⁷⁰, a sugestão geral do Diagnóstico foi a de mudança da legislação vigente desde o período do Estado Novo, que era considerada o principal obstáculo para a modernização do esporte no Brasil. Sendo assim este estudo serviu de base para a Lei nº 6.251 de 1975 e para o Decreto-Lei nº 80.228 de 1977, que instituíram a “Política Nacional de Desenvolvimento da Educação Física e Desporto”.

A promulgação da Lei nº 6.251, apesar de manter a tutela do Estado sobre o esporte, segundo apontam Pimentel⁷¹ e Santos⁷², caminhou no sentido de integrar os órgãos públicos e as entidades esportivas. No quesito financiamento esta legislação indicava que o amparo financeiro deveria vir dos poderes públicos só que a partir deste momento ele se estenderia também à iniciativa privada. A aplicação dos recursos deveria atender programas e projetos que estivessem em conformidade com o “Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação Física e Desportos”.

Contudo, esta forte presença governamental continuava a tratar o esporte de forma oligárquica e autoritária marcada por uma estrutura de troca de favores, o que, na opinião de Manhães⁷³, foi somente uma política de continuidade, caracterizada por ajustes formais e periféricos na legislação esportiva vigente desde a década de 1940. Mezzadri⁷⁴ corrobora com o argumento de Manhães⁷⁵, entretanto aponta dois pontos fundamentais para o debate. O primeiro é que pela primeira vez a preocupação do Estado brasileiro extrapola o esporte de rendimento, surgindo ações, mesmo que ainda tímidas, tanto para o esporte educacional como para o de participação, ampliando com isso a conceituação de esporte na visão estatal. O segundo ponto levantado pelo autor foi o início da privatização do esporte brasileiro.

De acordo com Veronez⁷⁶, essa diversificação estatal para além da esfera de rendimento, com a inserção das manifestações educacional e de participação, não tiraram o domínio da primeira. Linhales⁷⁷ complementa tal questão, indagando que foi o esporte de participação que acabou por inserir no país um projeto de valorização da questão social no esporte. Segundo Starepravo⁷⁸, a inserção do esporte de participação no Brasil se deu por meio da implementação, na segunda metade da década de 1970, por Lamartine Pereira da Costa, do Movimento Esporte Para Todos (EPT), ação importada da Europa, que desde a década de 1960 estimulava indivíduos sedentários a praticar uma atividade física. Linhales⁷⁹, Veronez⁸⁰ e Bueno⁸¹, lembram que foi ainda no período

⁶⁹ M. J. G. Tubino, O esporte no Brasil (São Paulo: Ibrasa, 1996).

⁷⁰ M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula: um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

⁷¹ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

⁷² M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula...

⁷³ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...

⁷⁴ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

⁷⁵ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...

⁷⁶ L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

⁷⁷ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁷⁸ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁷⁹ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁸⁰ L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

militar no Brasil que surgiram as primeiras críticas ao processo de massificação esportiva, iniciando uma crítica ao modelo piramidal, que embasava a organização do esporte nos três níveis (educacional, participação e rendimento) e que via as manifestações de participação e rendimento como base para o esporte de rendimento. Estes dois movimentos acabaram por iniciar no Brasil uma discussão mais social e de crítica ao esporte de rendimento. Starepravo⁸² ao sintetizar esse período da história esportiva brasileira, aponta que o regime militar representou o fortalecimento do esporte de rendimento, porém, iniciou um investimento nas outras manifestações esportivas, estabelecendo com isso um maior pluralismo no campo. Contudo, o ponto que mais afetou a estrutura esportiva do país foi, conforme apontam Pimentel⁸³ e Moraes e Silva *et. al.*⁸⁴, o início da mudança, no que se refere à sua administração, pois a gestão passou a dar um pouco mais de autonomia as entidades gestoras.

2.- O Esporte após a Constituição de 1988: respirando os ares da “Nova República”

Conforme apontam Melo Filho⁸⁵ e Tubino⁸⁶, a tutela direta do esporte pelo Estado brasileiro ocorreu oficialmente até 1985, quando o governo militar foi substituído, iniciando-se um novo período democrático, denominado de “Nova República”⁸⁷. Sendo assim, entre 1985 e a promulgação da Constituição Federal de 1988, que indicou em seu texto a necessidade de uma maior autonomia do campo esportivo e que também apontava que os recursos públicos deveria priorizar o esporte educacional, o esporte brasileiro passou por um momento intermediário, durante o qual a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, criada em 1985, atuou como protagonista, com

⁸¹ Luciano Bueno, Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento. Tese (doutorado)- Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

⁸² F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁸³ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

⁸⁴ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

⁸⁵ A. Melo Filho, O desporto na ordem jurídico-constitucional brasileira (São Paulo: Malheiros Editores, 1995).

⁸⁶ M. J. G. Tubino, O esporte no Brasil...

⁸⁷ A sociedade brasileira viveu neste período o desafio de construir um país democrático que sob o modelo federativo adotado pela Constituição Federal de 1988 se estabilizou influenciado pela redemocratização do Brasil em L. C. Bresser-Pereira, A construção política do Brasil...; S. Draibe, A política social no período FHC e o sistema de proteção social: tempo social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 2, (2003) y C. Franzese, Federalismo cooperativo no Brasil: da Constituição de 1988 aos sistemas de políticas públicas. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2010. A construção da democracia brasileira trouxe como marco os ideais de autonomia, defesa dos interesses e princípios de justiça social que foram corporificados neste texto constitucional em Brasil, Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Segundo aponta Souza tal processo constituinte assinalou a mobilização e participação social, no sentido de responder aos anseios de ver ampliados os direitos relativos à cidadania. As inovações marcadas por este documento deram início a um primeiro ciclo de descentralização administrativa do país, que reiterou o sistema federativo e redefiniu o papel de cada esfera de governo, prevendo responsabilidade compartilhada entre União, Distrito Federal, Estados e Municípios. Além, dos três poderes (judiciário, legislativo e executivo) que tiveram que se preocupar em disponibilizar os direitos sociais apregoados na constituição em C. Souza, Reinventando o poder local: limites e possibilidades do federalismo e da descentralização. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 103-113, jul./set. 1996.

indicações diversas que acabaram por agregar novos conceitos, principalmente pela inserção de novos agentes no campo esportivo do país.

A inserção destes novos agentes se deu de inúmeras formas. Na esfera de rendimento, que era até então controlada pela estrutura estatal passa a incorporar a iniciativa privada e os diversos interesses econômicos⁸⁸. De acordo com Linhales⁸⁹, outra forma de ingresso ao campo se deu pela esfera acadêmica de cunho social, que passou a criticar o suposto caráter alienante e autoritário do esporte de rendimento. Nascia uma polarização no campo esportivo brasileiro. De um lado um grupo que defendia o esporte de rendimento atrelado aos interesses econômicos e de outro intelectuais que defendiam o esporte como direito social, que se atrelariam à defesa do educacional e de participação.

Foram estas condições de possibilidades marcadas por um período de abertura democrática que permitiram entrada de novos agentes no campo e que começaram a mudar a estrutura esportiva do país. Se por um lado houve uma privatização esportiva no país, principalmente no controle sobre o esporte de rendimento, por outro lado houve uma maior incorporação da ideia do esporte como direito social, o que possibilitou o elevamento do mesmo ao patamar constitucional⁹⁰. Veronez⁹¹ lembra que isso culmina com o fim do governo do presidente José Sarney (1985-1990) e com a eleição de Fernando Collor de Mello, que já no início do seu mandato promove uma ampla reforma administrativa, criando a Secretaria de Desportos, vinculada diretamente a Presidência da República. Como este órgão tinha *status* de ministério, tal ação acabou sendo o início do processo de criação do Ministério do Esporte. Para o cargo máximo desta secretaria foi nomeado o famoso ex-jogador de futebol Arthur Antunes Coimbra (Zico). Ao assumir a pasta, Zico iniciou discussões para a formulação de uma nova legislação. Sendo assim, assim como argumentam Melo Filho⁹² e Pimentel⁹³, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, o enfoque ao esporte brasileiro foi novamente em seu marco regulatório. Surge deste contexto a primeira norma geral do desporto pós-constituição, que foi a Lei nº 8.672, de 1993, também conhecida por “Lei Zico”, cujo papel foi o de referendar o texto constitucional e estabelecer inicialmente os conceitos e princípios necessários para o desenvolvimento esportivo nacional⁹⁴. Como bem lembra Starepravo⁹⁵, a “Lei Zico” em termos conceituais reconhece o esporte nos termos definidos por Tubino⁹⁶, ainda na primeira metade da década de 1980, ou seja, nas já citadas três manifestações: educacional, participação e rendimento. A esfera de rendimento foi a que obteve mais

⁸⁸ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

⁸⁹ M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

⁹⁰ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...; E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...; M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil... y A. Mendes y A. Codato, The institutional configuration of sport policy in Brazil...

⁹¹ L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

⁹² A. Melo Filho, O desporto na ordem jurídico-constitucional brasileira...

⁹³ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

⁹⁴ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...; M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...;

⁹⁵ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

⁹⁶ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil... y M. J. G. Tubino, O esporte no Brasil...

detalhamento no novo marco regulatório, o educacional recebeu algum detalhamento e o de participação foi citado apenas de forma genérica. Outro ponto marcante da “Lei Zico” está no seu Capítulo IX, que versou sobre o financiamento para o esporte. No art. 39, entre as diversas formas de recurso, destacavam-se algumas: a) orçamentos da União, Estados e Municípios; b) fundos desportivos; c) receitas de concursos prognósticos; d) doações, patrocínios e legados; e) prêmios de concursos de prognósticos da Loteria Esportiva Federal não reclamados nos prazos regulamentares; f) Incentivos fiscais previstos em lei; g) Outras fontes⁹⁷. Entre as diversas formas de financiamento citadas, ganham destaque especial os itens E e F que versam, respectivamente, sobre a Loteria Esportiva e o financiamento do Estado via renúncia fiscal. A respeito da Loteria Esportiva, a “Lei Zico” sinalizava que, anualmente, a renda líquida total de um dos testes seria destinada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), para o treinamento e as competições preparatórias das equipes olímpicas. Nos anos de realização dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Pan-Americanos, a renda líquida total de um segundo teste também seria destinada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Foi a ideia de autonomia, preconizada pelo artigo 217 da Constituição Federal de 1988, que propiciou o surgimento da Lei Zico. Esta legislação trouxe em seu texto uma inovação, pois reduziu a interferência do Estado e desenvolveu a autonomia relacionada à organização das entidades esportivas. Contudo, o financiamento ao esporte brasileiro, mesmo com o princípio da autonomia, continuava quase que na sua totalidade oriundo dos cofres públicos. Tais características ficaram marcadas também na nova legislação que veio a substituí-la⁹⁸.

A Lei nº 9.615, chamada “Lei Pelé”, apesar de manter alguns dispositivos da “Lei Zico”, acabou revogando-a por completo⁹⁹. Cabe lembrar que entre o processo de criação da “Lei Zico” e da “Lei Pelé”, o Brasil passou por uma grande crise institucional. Bresser-Pereira¹⁰⁰, lembra que o presidente Fernando Collor de Mello foi cassado, em 1992, assumindo o cargo máximo do país o seu vice Itamar Franco, que conduziu a nação até a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994. Este ao assumir a presidência em 1995, nomeou outro ex-jogador de futebol para o cargo de Ministro Extraordinário do Esporte. Toma à frente da pasta Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Neste momento, segundo aponta Veronez¹⁰¹ surgem metas para o esporte dentro dos denominados Planos Plurianuais (PPA), do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), que vigoraram entre os anos de 1996-1999 e 2000-2003. O texto sobre esporte contido nestes documentos mostrava um conjunto bastante genérico de intenções, que iam do esporte de rendimento até as esferas educacionais e de participação. Contudo y Veronez¹⁰² e Bueno¹⁰³, lembram que houve uma grande discrepância entre o previsto e o realizado. As mudanças no campo esportivo novamente ficaram mais no marco regulatório do que na efetivação de políticas públicas.

⁹⁷ Brasil, Lei n. 8.672 de 06 de julho de 1993. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

⁹⁸ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira... y M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

⁹⁹ Brasil, Lei n. 9.615 de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

¹⁰⁰ L. C. Bresser-Pereira, A construção política do Brasil...

¹⁰¹ L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

¹⁰² L. F. C. Veronez, Quando o Estado joga a favor do privado...

¹⁰³ Luciano Bueno, Políticas públicas do esporte no Brasil...

Pimentel¹⁰⁴, Bueno¹⁰⁵, Starepravo¹⁰⁶, Mendes y Codato¹⁰⁷ e Moraes e Silva *et al.*¹⁰⁸, argumentam que a nova legislação materializada na “Lei Pelé” na verdade trata-se de uma continuação da anterior, havendo apenas pequenas mudanças em relação à “Lei Zico”. Ambas as leis marcam claramente a nova configuração do esporte brasileiro. Afinal, as entidades esportivas privadas, capitaneadas principalmente por agentes oriundos do futebol profissional, tiveram a clara intenção de retirada da tutela do Estado em relação ao esporte. Tratava-se de uma proposta que buscava um Estado menos interventor sem deixar de ser o ente financiador do Esporte de rendimento no país, ou seja, a política pública passou a consistir em repasses monetários para que as entidades privadas desenvolvessem ações esportivas. Essa nova configuração era caracterizada pela diminuição da tutela do Estado e uma maior incidência das leis de mercado, que se faziam presentes no novo quadro legislativo do Brasil.

Seguindo esta lógica de repasses monetários, surgiu a lei nº 10.264 de 2001, que se efetivou a partir da proposição do senador Pedro Piva e do deputado Agnelo Queiroz¹⁰⁹. A “Lei Agnelo-Piva” acrescenta incisos e parágrafos à “Lei Pelé”. As principais alterações provocadas consistiram em regulamentar o repasse de 2% da arrecadação das loterias federais ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Desta nova fonte de recursos são destinados: a) 85% ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB); b) 15% ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Dos recursos recebidos por cada Comitê, devem ser investidos: a) 10% em esporte escolar; b) 5%, em esporte universitário. De acordo com o relatório de demonstração da aplicação dos recursos técnico/financeiro de 2011, foi repassado pelo Governo Federal ao COB a quantia de R\$ 133, 410 milhões (US\$ 56,77 milhões). Sendo R\$ 7.850 milhões (US\$ 3,34 milhões) para o esporte universitário; R\$ 15.695 milhões (US\$ 6,78 milhões) o esporte educacional e R\$ 156.950 milhões (US\$ 66,79 milhões) para o esporte de rendimento. Do montante total, R\$ 59.125 milhões, cerca de US\$ 25,15 milhões (37,67%) foram repassados pelo COB às confederações; o restante de R\$ 97.825 milhões, US\$ 41,62 milhões (62,33%) foi destinado para atividades de fomento ao esporte, manutenção da entidade, organização de eventos esportivos, entre outros¹¹⁰. A fiscalização da aplicação dos recursos repassados ao COB e ao CPB cabe ao Tribunal de Contas da União (TCU). As verbas remetidas pelo governo via “Lei Agnelo-Piva”, são a maior fonte de recursos financeiros que o COB e CPB possuem. Estes repassam montantes às confederações das modalidades olímpicas e paralímpicas, de acordo com critérios próprios. O processo para liberação dessas verbas se dá pela elaboração de planos de trabalho por parte das confederações. Sua execução fica a cargo das confederações, assim como a prestação de contas, que será acompanhada pelos dois comitês.

¹⁰⁴ E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

¹⁰⁵ Luciano Bueno, Políticas públicas do esporte no Brasil...

¹⁰⁶ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

¹⁰⁷ A. Mendes y A. Codato, The institutional configuration of sport policy in Brazil...

¹⁰⁸ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

¹⁰⁹ Brasil, Lei nº 10.264 de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto.

¹¹⁰ COB, Demonstração da aplicação dos recursos Técnico/Financeiro 2011. 09 jul. 2012. Disponível em: <http://www.cob.org.br/midias/2012/07/09/downloads/2vLxByXpTdC9gRw4Zt199b672c.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

Nesse sentido, seguindo os argumentos de Starepravo¹¹¹, é possível afirmar que no campo desportivo no governo Fernando Henrique Cardoso foi marcado mais uma vez por mudanças no marco regulatório. Seu foco foi o esporte de rendimento, atendendo principalmente os interesses do futebol profissional, contudo observou-se o início de alguns programas e projetos voltados às esferas educacionais e de participação, como os programas Esporte na Escola e Esporte Solidário.

3.- O esporte após a eleição do presidente Lula

Alves y Pieranti¹¹², salientam que em 2003, com a chegada do ex-sindicalista Luis Inácio Lula da Silva, que governou o país entre os anos de 2003 e 2010, à presidência da república foi criado o Ministério do Esporte (ME). Com isso o esporte brasileiro passou a fazer parte do primeiro escalão do governo brasileiro. A pasta foi criada, com o intuito de formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais. Desta forma, o novo ministério passou a figurar na esfera jurídica ao mesmo tempo em que o institucionalizou politicamente, permitindo que se estabelecesse uma condição mais favorável na conjuntura da formulação e implementação das suas políticas públicas. De acordo com Santos¹¹³ e Godoy¹¹⁴ existem aspectos neste processo que podem ser questionados, uma vez que julgou a forma e o sentido apresentados no documento, declaradamente característico de uma proposta do governo vigente e não mostrou intenções de ser assumido como política de Estado¹¹⁵.

Segundo indica Starepravo¹¹⁶, depois de definida a criação do Ministério e da indicação de Agnelo Queiroz, um dos formuladores da “Lei Agnelo-Piva”, para o cargo de ministro, o foco passou a ser a sua estruturação administrativa. Sendo assim a estrutura inicial ficou da seguinte forma: 1) Secretaria Executiva; 2) Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR); 3) Secretaria Nacional de Esporte Educacional (SNEED); e 4) Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (SNDEL).

Logo depois da primeira eleição de Dilma Rousseff em 2010, o Ministério começou a passar por uma crise institucional que levou a queda de Orlando Silva (2006-2011), segundo ministro do esporte, e a indicação de Aldo Rebelo para o cargo. Devido a esse novo quadro a organização interna sofreu algumas mudanças em 2011. A SNEED foi fundida à SNDEL, surgindo com isso a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS). Além disso, criou-se em virtude da Copa do Mundo de Futebol de 2014, uma secretaria exclusiva para assuntos relacionados ao futebol, a denominada Secretaria Nacional de Futebol e Defesa do Torcedor (SNFDT). Após a dura

¹¹¹ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

¹¹² J. A. B. Alves y O. P. Pieranti, O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. RAE electron. São Paulo, v. 6 nº.1, Jan./June 2007.

¹¹³ M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula...

¹¹⁴ L. Godoy, O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

¹¹⁵ Este compromisso governamental em assegurar e facilitar o acesso às atividades esportivas foi resultante da inclusão do esporte na Constituição de 1988. De certa forma, este fator atribuiu relevância a esfera esportiva e apontou a preocupação do Estado com a cidadania, democratização e a autonomia da prática esportiva. No entanto, conforme indica Godoy) tais princípios não se difundiram para a legislação esportiva, na medida em que não ampliou, na prática, o conceito de esporte, restringindo-se ao esporte de rendimento em L. Godoy, O Sistema Nacional de Esporte no Brasil...

¹¹⁶ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

eleição à presidência ocorrida em 2014, na qual Dilma Rousseff vence o Senador de oposição Aécio Neves por uma pequena diferença de votos, ocorre uma nova mudança na pasta em nome da governabilidade do país. O grupo político que controlava o ministério desde o início do primeiro governo Lula é afastado e assume outro que possui uma maior representatividade no Congresso Nacional. Assume a pasta o deputado federal George Hilton, pastor da “Igreja Universal do Reino de Deus”, ligado a Rede Record de televisão de propriedade do pastor Edir Macedo. Em paralelo ao processo de institucionalização do Ministério do Esporte ocorreu, conforme lembram Pogrebinski; Santos¹¹⁷ e Godoy¹¹⁸ o surgimento de uma novidade no campo esportivo brasileiro, a criação das Conferências Nacionais de Esporte, convocadas pelo presidente Lula no início do ano de 2004. Esta ação configurava-se como um amplo espaço de debates, formulação e deliberação das políticas públicas de esporte no Brasil¹¹⁹. Segundo Pogrebinski; Santos¹²⁰, Starepravo¹²¹ e Godoy, a primeira conferência realizada em 2004 teve como resultado a aprovação de referenciais para a construção da Política Nacional de Esporte¹²², publicada em 2005, e que apontava também a necessidade de criação de um Sistema Nacional de Esporte. A Política Nacional de Esporte visava substituir o antigo Diagnóstico, elaborado no início da década de 1970, durante o regime militar¹²³. Diferente do documento de 1971, que tinha como intuito realizar a massificação do esporte, fomentar a aptidão física da população e o fortalecimento da representação nacional, o documento de 2005 apontava a busca pela democratização e universalização do esporte. Essa foi à busca da segunda conferência realizada em 2006, que teve como tema principal o Sistema Nacional de Esporte¹²⁴. No intento de universalizar o esporte no país, buscava-se criar caminhos para articular e atribuir responsabilidades para todos os entes federativos. Já a terceira conferência realizada em 2010 mudou o foco das duas primeiras e caminhou na direção da construção de um plano decenal para o esporte brasileiro, que acabou mais focado no esporte de rendimento¹²⁵. Segundo Godoy¹²⁶, Figuerôa *et. al.*¹²⁷ e Moraes e Silva *et. al.*¹²⁸, esta mudança de trajetória deve-se, principalmente, à eleição da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Pogrebinski; Santos¹²⁹, Starepravo¹³⁰ e Godoy¹³¹, lembram que apesar da pouca efetividade das deliberações tomadas nas conferências realizadas, as mesmas se configuraram como momentos históricos importantes dentro do campo esportivo brasileiro. Afinal, pela primeira vez na história do esporte no país, agentes vindos dos níveis mais baixos da hierarquia da estavam participando de um espaço de discussão sobre políticas públicas.

¹¹⁷ M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula...

¹¹⁸ L. Godoy, O Sistema Nacional de Esporte no Brasil...

¹¹⁹ Brasil, I Conferência Nacional de Esporte – I CNE, Brasília: 2004a.

¹²⁰ M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula...

¹²¹ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

¹²² Brasil, Política Nacional de Esporte. Brasília, 2005.

¹²³ L. Da Costa, Diagnóstico de educação física e Desportos no Brasil...

¹²⁴ Brasil, II Conferência Nacional de Esporte – II CNE, Brasília, 2006a.

¹²⁵ Brasil, III Conferência Nacional de Esporte – III CNE, Brasília: 2010a.

¹²⁶ L. Godoy, O Sistema Nacional de Esporte no Brasil...

¹²⁷ K. M. Figuerôa; P. Sevegnani; F. M. Mezzadri y M. Moraes e Silva, Planejamento, ações e financiamento...

¹²⁸ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal...

¹²⁹ M. R. Santos, O futebol na agenda do governo Lula...

¹³⁰ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

¹³¹ L. Godoy, O Sistema Nacional de Esporte no Brasil...

No que se refere ao aspecto legislativo também surgiram mudanças no marco regulatório. Um dispositivo que surge na legislação brasileira durante o governo Lula, foi a Lei nº 11.438¹³². A “Lei de Incentivo ao Esporte”, visa dispor incentivos e benefícios para fomentar/desenvolver as atividades esportivas. A lei permite que a pessoa jurídica deduza até 1% do valor do imposto de renda devido, e em cada período de apuração, a pessoa física pode deduzir até 6% (seis por cento) do imposto devido na Declaração de Ajuste Anual. Também determina que o Ministério do Esporte seja obrigado a informar à Secretaria da Receita Federal (SRF), até o último dia útil do mês de março do ano subsequente ao do ano-calendário, os valores destinados a título de doação ou patrocínio, no apoio direto a projetos desportivos e paraesportivos¹³³.

Após todos estes arranjos e acomodações realizados dentro da nova estrutura esportiva no país, seja no âmbito legislativo como no executivo, inicia-se a tentativa de implementar as novas políticas públicas de esporte no Brasil. A nova estrutura ministerial com a SNELIS - junção da SNDEL E SNEED - mostrou que após a eleição do Rio para os Jogos Olímpicos de 2016, o objetivo de investimentos seria o esporte de rendimento em detrimento do educacional e do participativo¹³⁴. A SNELIS herda da extinta SNEED o seu principal programa o “Segundo-Tempo”. Apesar de ter outros programas, esta ação é a principal política pública para o esporte educacional no Brasil, e visa democratizar o acesso ao esporte para as crianças em idade escolar, principalmente àqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social. Para sua implementação foram feitas parcerias institucionais com os estados, municípios e entidades não-governamentais (ONGs)¹³⁵. Starepravo¹³⁶ salienta que o programa, desde sua criação em 2003, atendeu mais de três milhões de jovens. O autor indica que em 2010 o programa atendeu cerca de um milhão de crianças em 1300 municípios brasileiros. O orçamento do programa para 2013 foi de R\$ 164,4 milhões (aproximadamente U\$ 41 milhões)¹³⁷.

Da antiga SNDEL a SNELIS herda uma série de programas para o desenvolvimento do esporte de participação. No entanto, conforme salientam Sousa *et. al.*¹³⁸ e Figuerôa *et. al.*¹³⁹, a principal política é o “Programa Esporte e Lazer na Cidade”

¹³² Brasil, Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006b. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências.

¹³³ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal... y E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

¹³⁴ K. M. Figuerôa; P. Sevegnani; F. M. Mezzadri y M. Moraes e Silva, Planejamento, ações e financiamento...

¹³⁵ E. S. Santos; F. A. Starepravo y M. S. S. Neto, Programa “Segundo Tempo” e o vazio assistencial na região Nordeste. Movimento, Porto Alegre, 21(3) (2015); E. S. D. Sousa; V. D. F. N. Alves; C. A. Ribeiro; D. M. D. Teixeira; D. M. Fernandes y M. A. D. Venâncio, sistema de monitoramento & avaliação dos programas esporte e lazer da cidade e segundo tempo do ministério do esporte (Belo Horizonte: O Lutador, 2010) y A. A. B. de Oliveira y G. L. Perim, Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática (Maringá: Eduem, 2009).

¹³⁶ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

¹³⁷ Brasil, Prestação de Contas da Presidenta da República/2012. Relatório Sobre os Orçamentos e Atuação Governamental – Balanço Geral da União. Brasília – DF: CGU, 2013.

¹³⁸ E. S. D. Sousa; V. D. F. N. Alves; C. A. Ribeiro; D. M. D. Teixeira; D. M. Fernandes y M. A. D. Venâncio, sistema de monitoramento...

¹³⁹ K. M. Figuerôa; P. Sevegnani; F. M. Mezzadri y M. Moraes e Silva, Planejamento, ações e financiamento...

(PELC). Através deste programa o Ministério financia eventos e funcionamento de núcleos com atividades sistemáticas de esporte e lazer. Ações em parceria com prefeituras, estados, organizações não governamentais (ONGs), instituições de ensino superior e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs). Atualmente, o PELC está representado, prioritariamente, por três ações: A) Núcleos Todas as Idades, que envolvem todos os segmentos (criança, adolescente, adulto, idoso, pessoas com deficiência e outras necessidades educacionais especiais); B) Núcleos do Programa PELC/Vida Saudável, específicos para o atendimento da faixa etária a partir dos 45 anos, com vistas à melhoria da qualidade de vida dessa população, sem abrir mão do atendimento a pessoas com deficiência; C) Núcleos para os Povos e Comunidades Tradicionais.

Pode-se citar como um elemento importante do governo Dilma Rousseff a ampliação orçamentária para o esporte prevista no Plano Plurianual (PPA) “Mais Brasil” (2012-2015), que chegou a casa dos R\$ 2,76 bilhões de reais (aproximadamente U\$690 milhões de dólares)¹⁴⁰. Quanto à execução dos gastos direcionados à inclusão social pelo esporte, funcionamento de núcleos de esporte educacional e participação, bem como a implantação e modernização de instalações esportivas, verifica-se que há um crescimento nos montantes monetários. No novo PPA explica-se que os valores apurados demonstram uma evolução de investimentos no desenvolvimento de políticas públicas na área esportiva e na preparação da Copa do Mundo 2014 e JO/PO 2016. Comenta-se ainda que a execução orçamentária indica que o esporte de rendimento apresenta tendência de elevação dos gastos a partir de 2011, mantendo a tendência em 2012, fato que resulta do acréscimo de recursos destinados ao apoio às equipes e aos atletas, financiados pelas ações “Preparação de Atletas”, “Concessão de Bolsa a atletas” e à preparação para a realização dos megaeventos¹⁴¹.

Contudo, após a reestruturação ministerial o PELC sofreu um esfriamento, com isso, 90% de seus recursos foram alocados principalmente em infraestrutura, destinando-se pouco menos de 10% do total as demais subcategorias que compõem o PELC. Verifica-se no PPA (2012-2015), que cerca de R\$ 600 milhões (aproximadamente U\$ 150 milhões) foram destinados ao esporte educacional e participativo. No entanto, é preciso lembrar que deste montante R\$ 164,4 milhões (aproximadamente U\$ 41 milhões) foram para o programa “Segundo Tempo”. Sendo assim, parte dos R\$ 435,6 milhões (cerca de U\$ 108 milhões) que deveriam ir para os outros programas de esporte educacional e/ou participativo, entre eles se encontra o PELC, acabaram sendo destinados, quase que completamente, à implantação e modernização de infraestruturas esportivas ligadas aos megaeventos que aconteceram no país. Estruturas provavelmente não serão utilizadas para o esporte de participação e/ou educacional¹⁴².

¹⁴⁰ Brasil, Plano plurianual 2012-2015: projeto de lei/Ministério do Planejamento (Brasília: Ministério Público, 2011).

¹⁴¹ Brasil, Prestação de Contas da Presidenta da República/2012...

¹⁴² K. M. Figuerôa; P. Sevegnani; F. M. Mezzadri y M. Moraes e Silva, Planejamento, ações e financiamento...

Já a SNEAR tem como seu principal programa o “Bolsa Atleta”, instituído, em 2004, com a publicação da Lei nº 10.891¹⁴³, Corrêa *et. al.*¹⁴⁴ e Moraes e Silva *et. al.*¹⁴⁵, salientam que esta forma de financiamento público foi levada ao Congresso Nacional, no ano de 2000, pelo então deputado e futuro ministro Agnelo Queiroz. A Lei do “Bolsa-Atleta” seria sancionada pelo presidente Lula pouco mais de um mês antes do início dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004. Em solenidade no Palácio do Planalto, lançou-se o Programa “Bolsa-Atleta” em 25 de julho do mesmo ano, que atendeu 975 atletas e no decorrer do programa mais de 20 mil bolsas já foram concedidas. Em 2014, conforme mostrou a pesquisa de Reis *et. al.*¹⁴⁶, o programa beneficiou 6667 atletas num orçamento de aproximadamente R\$ 120 milhões (cerca de U\$ 30 milhões).

De acordo com a lei que instituiu o “Bolsa-Atleta”, foram criadas: a) a categoria atleta estudantil, destinada aos estudantes que participem com destaque dos Jogos Escolares e Universitários Brasileiros; b) a categoria atleta nacional, relativa aos atletas que tenham participado de competição esportiva em âmbito nacional; c) a categoria atleta internacional, relativa aos atletas que tenham participado de competição esportiva no exterior; d) a categoria atleta olímpico e paralímpico, relativa aos atletas que tenham participado de Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Tentando corrigir algumas imperfeições, no final do governo Lula, surgiram mudanças na lei. Foram incluídas, através da Medida Provisória nº 502 as categorias de atletas de base e pódio¹⁴⁷. A categoria base destina-se aos atletas que participaram com destaque em competições destinadas a atleta com menos de 19 anos de idade. Os atuais valores destas bolsas são os seguintes: a) Base: R\$ 370,00 (U\$ 92 dólares); b) Estudantil: R\$ 370,00 (U\$ 92 dólares); c) Nacional: R\$ 925,00 (U\$ 231 dólares); d) Internacional: R\$ 1.850,00 (U\$ 462 dólares); e) Olímpico e Paralímpico: R\$ 3.100,00 (U\$ 775 dólares). Já a bolsa na categoria Pódio pode chegar até a R\$ 15.000 (U\$ 3750 dólares), destina-se a atletas de modalidades previstas no programa dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos com reais chances de medalhas, que são comprovados pelo histórico em competições internacionais¹⁴⁸.

Outra ação capitaneada pelo governo brasileiro para o esporte de rendimento é a denominada “Rede Nacional de Treinamento”. Criada pela Lei Federal 12.395 de março de 2011, esta ação trata-se de um dos principais projetos de legado do Rio 2016. A mesma objetiva criar toda uma infraestrutura no esporte brasileiro, interligando as instalações esportivas existentes e/ou em construção espalhadas por todo o Brasil. Seria

¹⁴³ Brasil, Lei no 10.891, de 9 de julho de 2004b. Institui a Bolsa-Atleta.

¹⁴⁴ A. J. Corrêa; M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri y F. R. Cavichioli, Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa Bolsa-Atleta (2005-2011). Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, p. 1-15, 2014.

¹⁴⁵ M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal... y E. S. Pimentel, O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira...

¹⁴⁶ R. E. Reis; M. Moraes e Silva; K. M. Figuerôa; B. S. Almeida y F. M. Mezzadri, Dez anos do programa federal “Bolsa Atleta”: uma descrição das modalidades paralímpicas (2005-2014). Pensar en Movimiento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud, San José, v. 13, n. 2 (2015).

¹⁴⁷ Brasil, Medida Provisória nº 502, de 20 de setembro de 2010b. Dá nova redação às Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva, e dá outras providências.

¹⁴⁸ A. J. Corrêa; M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri y F. R. Cavichioli, Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro...; M. Moraes e Silva; F. M. Mezzadri; N. Santos; P. R. Camargo, y K. M. Figuerôa, La configuración de la ordenación legal... y R. E. Reis; M. Moraes e Silva; K. M. Figuerôa; B. S. Almeida y F. M. Mezzadri, Dez anos do programa federal...

composta por centros de treinamento de alto rendimento, nacionais, regionais e locais. A rede será coordenada pelo Ministério do Esporte, em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), federações, estados e municípios. Abarcará estruturas de diversas modalidades, inclusive complexos multiesportivos, oferecendo espaço para detecção, formação e treinamento de atletas e equipes, com foco em diversas modalidades¹⁴⁹.

Em sua proposta a “Rede Nacional de Treinamento” seria o elemento que abarcaria os jovens talentos desde seus primeiros passos no esporte até uma possível chegada as maiores competições internacionais. A proposta da desta Rede também aponta que a mesma proporcionará o aprimoramento e intercâmbio de técnicos, árbitros, gestores e outros profissionais do esporte. O trabalho se apoiará na aplicação das Ciências do Esporte à formação e ao treinamento de atletas. Trata-se de um projeto de desenvolvimento do esporte de rendimento, desde a base até os níveis mais elevados de competição¹⁵⁰.

Para efetivar esta rede o governo federal sinalizou para a construção inicial de um total de 285 “Centros de Iniciação ao Esporte”, localizados em 263 municípios e que abarcaria 13 modalidades olímpicas, 6 paraolímpicas e 1 não-olímpica. A princípio as modalidades previstas neste momento são as seguintes: Atletismo, Basquete, Boxe, Handebol, Judô, Lutas, Taekwondo, Vôlei, Esgrima, Ginástica Rítmica, Badminton, Levantamento; Tênis de Mesa; Esgrima de Cadeiras de Rodas, Judô, Halterofilismo, Tênis de Mesa, Voleibol Sentado; Golball; e a modalidade não olímpica de Futsal.

Outros programas, projetos e ações estão sendo implementados pelo Ministério do Esporte. Como visto a demanda atual é a preparação para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

Apontamentos Finais

Em termos gerais, é possível afirmar que o campo esportivo no Brasil deixou para trás o modelo de organização centrado somente na figura estatal. Contudo, visualizou que apesar da maior autonomia das entidades esportivas o financiamento público e o que acaba por manter a estrutura esportiva no país, mostrando que ainda o setor público é o que sustenta financeiramente o esporte nacional. Todo esse panorama também serviu para mostrar como o esporte brasileiro sempre foi marcado por um clientelismo político, aonde o mesmo foi usado como moeda de troca para a efetivação de interesses de determinados grupos. Outro ponto marcante é que as mudanças sempre foram mais no marco regulatório do que em efetivação de políticas públicas mais consistentes. As políticas de esporte no Brasil são vistas como sinônimo de financiamento e não como ações que visam o desenvolvimento do esporte.

Na trajetória histórica das políticas públicas de esporte no Brasil ficaram distintos dois momentos substantivos referentes à ação do Estado para a institucionalização do esporte. O primeiro período, que vai de 1941 até 1988, ficou marcado pela intervenção direta do Estado regulando o campo esportivo, com uma administração decisória centralizadora, indicando a falta de continuidade no desenvolvimento de programas e

¹⁴⁹ Ministério do Esporte. Portal do Ministério do Esporte do Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/> Acesso em setembro de 2015.

¹⁵⁰ Ministério do Esporte. Portal do Ministério do Esporte do Brasil...

projetos mais abrangentes no que diz respeito à oferta de esporte, mantendo as diretrizes voltadas à seleção de talentos esportivos, manifesta no rendimento. O segundo momento apresentou a consolidação do esporte em seu artigo 217, como matéria constitucional. Entre os anos de 1980 e 1990, iniciativas de políticas públicas de esporte procuraram oferecer acesso às práticas esportivas para a população, consolidando também o rompimento da tutela do Estado sobre os assuntos do esporte. Entretanto, de certa forma continua mantida a configuração de princípios de ação estatal em relação ao esporte, agora voltados para garanti-lo enquanto um “direito social” constitucional.

A título de uma conclusão é necessário apontar que existe uma necessidade óbvia de aprimorar e refinar a investigação sobre a eficácia e o impacto das políticas públicas de Esporte no Brasil e aproximá-la do contexto internacional. O número de estudos específicos da política de esporte no país ainda é limitada e limitante, com notáveis exceções, como por exemplo, os trabalhos de Manhães,¹⁵¹ Linhales¹⁵², Mezzadri¹⁵³, Bueno¹⁵⁴ e Starepravo¹⁵⁵. Afinal a grande maioria da atual produção brasileira sobre o tema ainda é incipiente. As mesmas estão circunscritas quase que exclusivamente a área de Educação Física, sem uma aproximação com construções teóricas da Ciência Política e das Ciências Sociais e por isso são pesquisas que carecem de rigorosidade conceitual, que não se dedicam a temas como a análise do impacto das políticas, avaliação de eficiência e eficácia e financiamento. Estes pontos ainda são as principais lacunas e as mesmas precisam ser tematizadas, ainda mais em momentos que o esporte no Brasil ganha uma visibilidade em função dos megaeventos esportivos.

Referências Bibliográficas

Acosta Sierra, C. C. Una mirada polítologica desde los estudios socioculturales del deporte a la política pública del deporte en Bogotá 2009-2019. (Trabajo de grado para optar por el título de Politólogo., Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales). Bogotá, 2013.

Altuve, E. M. Deporte, socialismo y revolución bolivariana: propuesta de Reforma Constitucional y Ley de Actividad Lúdica, Educación Física, Deporte y Recreación. Cuadernos Latinoamericanos, Maracaibo, ano 18, n.32, p. 117-156, 2007.

Alves, J. A. B. y Pieranti, O. P. O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. RAE electron. São Paulo, v. 6 nº.1, Jan./June 2007.

Athayde, P. F. A.; Mascarenhas, F.; Matias, W. B.; Miranda, N. N.O agendamento dos Jogos Rio 2016: Temas e termos para debate. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, p. 794-816, 2013.

Benevides, M. V. M. A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

¹⁵¹ E. D. Manhães, Políticas de esportes no Brasil...

¹⁵² M. A. Linhales, A trajetória política do esporte no Brasil...

¹⁵³ F. M. Mezzadri, A estrutura esportiva no Estado do Paraná...

¹⁵⁴ Luciano Bueno, Políticas públicas do esporte no Brasil...

¹⁵⁵ F. A. Starepravo, Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil...

Bossio, M. A. R. Política deportiva: factores reales del sistema deportivo. Liberabit, Lima, v.12(12), p. 40-47, 2006.

Brasil. Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização do desporto em todo o País.

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.

Brasil. Lei n. 8.672 de 06 de julho de 1993. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

Brasil. Lei n. 9.615 de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

Brasil. Lei nº 10.264 de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto.

Brasil. I Conferência Nacional de Esporte – I CNE, Brasília: 2004a.

Brasil. Lei no 10.891, de 9 de julho de 2004b. Institui a Bolsa-Atleta.

Brasil. Política Nacional de Esporte. Brasília, 2005.

Brasil. II Conferência Nacional de Esporte – II CNE, Brasília, 2006a.

Brasil. Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006b. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências.

Brasil. III Conferência Nacional de Esporte – III CNE, Brasília: 2010a.

Brasil. Medida Provisória nº 502, de 20 de setembro de 2010b. Dá nova redação às Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva, e dá outras providências.

Brasil. Plano plurianual 2012-2015: projeto de lei/Ministério do Planejamento. Brasília: Ministério Público, 2011.

Brasil. Prestação de Contas da Presidenta da República/2011. Relatório Sobre os Orçamentos e Atuação Governamental – Balanço Geral da União. Brasília – DF: CGU, 2012.

Brasil. Prestação de Contas da Presidenta da República/2012. Relatório Sobre os Orçamentos e Atuação Governamental – Balanço Geral da União. Brasília – DF: CGU, 2013.

Bravo, G. y Silva, J. Sport policy in Chile. International Journal of Sport Policy and Politics, Loughborough, 6(1), p. 129-142, 2014.

Bresser-Pereira. L. C. A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a Independência. São Paulo: Editora 34, 2014.

Bueno, Luciano. Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento. Tese (doutorado)- Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

Cannock, Francisco León. Promoviendo la Identidad nacional a través del deporte en el Sistema Educativo Peruano en el contexto de la globalización. Educación Física y Deporte, Medellín, v. 31, n. 1, p. 841, 2012.

Chalip, L. Policy analysis in sport management. Journal of Sport Management, 9, 1995, p.1-13.

COB. Demonstração da aplicação dos recursos Técnico/Financeiro 2011. 09 jul. 2012. Disponível em: <http://www.cob.org.br/midias/2012/07/09/downloads/2vLxByXpTdC9gRw4Zt199b672c.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

Corrêa, A. J.; Moraes e Silva, M.; Mezzadri, F. M. y Cavichioli, F. R. Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa Bolsa-Alela (2005-2011). Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, p. 1-15, 2014.

Da Costa, L. Diagnóstico de educação física e Desportos no Brasil. Brasília: CDRH-MP/DEF-MEC, 1971.

D'Amico, R. L. Policy in Venezuela. International Journal of Sport Policy and Politics, Loughborough, 4(1), p. 139-151, 2012.

D'araújo, M. C. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Di Domizio, D. P. Políticas públicas, prácticas corporales y representaciones sociales sobre la vejez: Un estudio de casos. (Doctoral dissertation en Educación, Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación). La Plata, 2011.

Di Domizio, D. P. y Saraví, J. R. Prácticas deportivas con adultos mayores en la ciudad de La Plata (Argentina): Una revisión crítica respecto de la implementación local del Programa Nacional HADOB. Revista de Ciencias Sociales, Iquique, n. 31(2), p. 125-137, 2013.

De Bosscher, V.; Shibli, S.; Van Bottenburg, M.; De Knop y Truyens, J. Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: A mixed research methods approach. Journal of Sport Management, 24(5), p. 567-600, 2010.

Digel, H. Sport Sociology: A comparison of competitive sport systems. New studies in athletics, 17(1), p.37-50, 2002.

Draibe, S. A política social no período FHC e o sistema de proteção social: tempo social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 63-101, 2003.

Faoro, R. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2012.

Fausto, B. O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Figuerôa, K. M.; Sevegnani, P.; Mezzadri, F. M.; Moraes e Silva, M. Planejamento, ações e financiamento para o esporte em tempo de megaeventos. *Motrivivência*, Florianópolis, v.26, n.42, p.55-71, junho/2014.

Franzese, C. Federalismo cooperativo no Brasil: da Constituição de 1988 aos sistemas de políticas públicas. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2010.

Galeano, E. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM, 2014.

Gallo, L. E. y Bolívar, Z. Educación diferencial en las políticas públicas del deporte, la recreación y la actividad física en Colombia. *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, v.21/1, p.19-31, 2105.

Gaspari, E. A Ditadura Escancarada. São Paulo: Cia. da Letras, 2002.

Godoy, L. O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Green, M. E. y Collins, S. Policy, politics and path dependency: Sport development in Australia and Finland. *Sport Management Review*, 11, 2008, p. 225–251.

Green, M. E. y Houlihan, B. Elite sport development. Policy learning and political priorities. London: Routledge, 2005.

Grix, J. The impact of UK sport policy on the governance of athletics. *International Journal of Sport Policy*, Loughborough, v. 1, n. 1, p. 31-49, 2009.

Grix, J. y Carmichael, F. Why do governments invest in elite sport? A polemic. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Loughborough, v. 4, n. 1, p. 73-90, 2012.

Levoratti, A. La Educación Física en políticas socio-educativas destinadas a los jóvenes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 32, n.1, p. 109-125, 2010.

Levoratti, A. Educación física, deporte y recreación en las políticas públicas. Un análisis de su inscripción en la agenda de temas de revistas científicas de Argentina, Brasil y Colombia (2004-2014). *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, n.21/1, p. 11-17, 2015.

Linhales, M. A. A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1996.

Loaiza Arias, J. P. Análisis de la implementación de políticas públicas en el deporte en el Valle del Cauca a partir de la Constitución de 1991 al 2011. (Trabajo de grado Licenciatura en Educación Física y Deporte, Instituto de Educación y Pedagogía, Universidad del Valle). Santiago de Cali, Valle, 2013.

Mackinnon, M. M. y Petrone, M. A. Populismo y neopopulismo en América Latina: el problema de la Cenicienta. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998.

Manhães, E. D. Políticas de esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Mascarenhas, F.; Athayde, P. F. A.; Santos, M. R.; Miranda, N. N. O bloco olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da Agenda Rio 2016. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, Curitiba, v. 2, p. 15-32, 2013.

Mendes, A. y Codato, A. The institutional configuration of sport policy in Brazil: organization, evolution and dilemmas. *Revista Administração Pública*, Rio de Janeiro 49(3): p.563-593, maio/jun. 2015.

Melo Filho, Á. O desporto na ordem jurídico-constitucional brasileira. São Paulo: Malheiros Editores, 1995.

Mezzadri, F. M. A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Ministério do Esporte. Portal do Ministério do Esporte do Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/> Acesso em setembro de 2015.

Moraes e Silva, M. Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

Moraes e Silva, M. y Capraro, A. M. O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 229-243, 2015.

Moraes e Silva, M.; Mezzadri, F. M.; Santos, N.; Camargo, P. R. y Figuerôa, K. M. La configuración de la ordenación legal relacionada a la financiación del gobierno brasileño hacia el deporte de elite: un análisis a partir de la Teoría de los Juegos de Norbert Elias. *Lúdica Pedagógica*, Bogotá, n. 21/1, p.77-89, 2015.

Oakley, B. y Green, M. Elite sport development systems and playing to win: Uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, 20(4), p. 247–267, 2011.

Oliveira, A. A. B. de y Perim, G. L. Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.

Pimentel, É. S. O conceito de esporte no interior da legislação esportiva brasileira: de 1941 até 1998. (Dissertação Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

Pérez, G. L. A. La promoción del deporte en el orden constitucional paraguayo. Anuario Ibero-Americano de Derecho Deportivo. Universidad Inca Garcilaso de la Veja, Arequipa, ano 2, p. 97-116, 2014.

Pogrebinschi, T. y Santos, F. Participação como representação: o impacto das conferências nacionais de políticas públicas no Congresso Nacional. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 259-305, 2011.

Reis, R. E.; Moraes e Silva, M.; Figuerôa, K. M.; Almeida, B. S. y Mezzadri, F. M. Dez anos do programa federal "Bolsa Atleta": uma descrição das modalidades paralímpicas (2005-2014). Pensar em Movimento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud, San José, v. 13, n. 2, p.1-18, 2015.

Rincón Martínez, D. P. Política pública orientada al deporte colombiano. (Ensayo para optar al título de Especialista en Finanzas y Administración Pública, Universidad Militar Nueva Granada, Facultad de Ciencias Económicas). Bogotá, 2011.

Riordan, J. Sport, politics and communism. Manchester, UK: Manchester University Press, 1991.

Santos, M. R. O futebol na agenda do governo Lula: um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Santos, E. S.; Starepravo, F. A. y Neto, M. S. S. Programa "Segundo Tempo" e o vazio assistencial na região Nordeste. Movimento, Porto Alegre, 21(3), 759-771, 2015.

Skidmore, T. E. Brasil: De Castelo a Tancredo, 1964-1985. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Souza, C. Reinventando o poder local: limites e possibilidades do federalismo e da descentralização. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 103-113, jul./set. 1996.

Sousa, E. S. D.; Alves, V. D. F. N.; Ribeiro, C. A.; Teixeira, D. M. D.; Fernandes, D. M. y Venâncio, M. A. D. sistema de monitoramento & avaliação dos programas esporte e lazer da cidade e segundo tempo do ministério do esporte. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

Starepravo, F. A. Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos políticos/burocráticos e científico/acadêmico. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Steffano, D. W. Relación entre deporte y políticas: el caso uruguayo. Efdeportes/Revista Digital, Buenos Aires, ano 5, n. 26, 2000.

Stewart, B. Sport funding and finance. Routledge: Elsevier, 2007.

Tubino, M. J. G. O esporte no Brasil. São Paulo: Ibrasa, 1996.

Veronez, L. F. C. Quando o Estado joga a favor do privado: As políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

Viguera, A. " Populismo" y" neopopulismo" en América Latina. Revista Mexicana de Sociología, Cidade do México, v.55, n.3, p. 49-66, 1993.

Vilches, P. S. y Pacheco, I. G. Cultura deportiva en Chile: desarrollo histórico, institucionalidad actual e implicancias para la política pública. Polis, Santiago, 13(39), 441-462, 2014.

Weffort, F. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Para Citar este Artículo:

Moraes e Silva, Marcelo; Mezzadri marinho, Fernando; Figueroa Mello, Katiuscia y Starepravo, Fernando Augusto. El panorama de las políticas públicas del deporte em Brasil. Rev. ODEP. Vol. 2. Num. 2. Abril-Junio (2016), ISSN 0719-5729, pp. 163-188.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Observatorio del Deporte ODEP**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Observatorio del Deporte ODEP**.